

Para o campo, marchar marchar

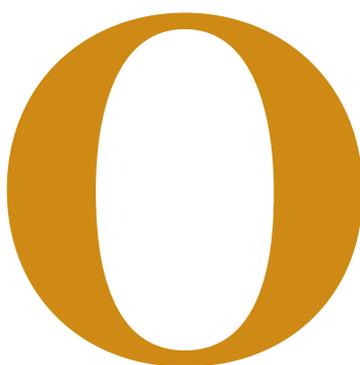


Êxodo Os que puderam fugir da cidade para tentar escapar à morte não hesitaram, mas a maioria teve de se refugiar dentro de casa, pois também não tinha mais nenhum sítio para onde ir. Durante a pandemia as autoridades realizaram várias ações de sensibilização

TIAGO PEREIRA SANTOS

O êxodo urbano do século XXI já começou. Por causa do coronavírus, do dia para a noite as cidades deixaram de ser lugares de sonhos, paixões, fascínios e ambições para se tornarem em símbolos de horror e tragédia

TEXTO VÍTOR ANDRADE



mais natural é que, daqui a um par de décadas, os nossos filhos ou netos tenham alguma dificuldade em explicar aos seus descendentes como é que um ser microscópico conseguiu mudar o rumo da história de toda a Humanidade, algures lá atrás, no ano de 2020.

Terão de lhes fazer crer que milhares de milhões de pessoas em todo o planeta foram forçadas a esconder-se durante meses a fio de um inimigo invisível, que alterou radicalmente a forma de vida das sociedades. Sobretudo na maneira como se organizavam para trabalhar e para desfrutar dos tempos de lazer, em especial os que viviam nas cidades — onde então já se concentrava mais de metade da população mundial.

E foi estranho de ver, nas grandes metrópoles mundiais, uma sucessão de imagens aéreas plenas de ruas e praças desertas, alamedas sem carros e sem pessoas, com o chilrear dos pássaros a sobressair inesperadamente no meio de um silêncio inusitado. O ar estava limpo; tão limpo que as imagens de satélite davam conta de quebras históricas de concentração de partículas de dióxido de carbono em tão curto espaço de tempo. Pelos canais de Veneza voltou a circular água cristalina, com cardumes de peixes facilmente visíveis a partir do passeio lateral.

O fascínio das cidades, que atravessou séculos, tinha dado lugar ao horror urbano da doença — devido à concentração de pessoas — e ao medo da morte que rondava por ali, em cada esquina, dia a dia, hora a hora, ceifando vidas de forma indiscriminada e cega, transversal a todas as classes sociais. Os que puderam fugir da cidade para tentar

escapar à morte não hesitaram, mas a maioria teve de se refugiar dentro de casa, pois também não tinha mais nenhum sítio para onde ir. Outros ainda, sem qualquer espécie de abrigo, ficaram irremediavelmente expostos à vontade assassina do vírus.



Memória A pandemia de covid-19 assemelha-se, na natureza das suas consequências, ao que se seguiu à peste antonina (na Roma antiga), à peste negra (1347, representada na figura) ou à gripe espanhola (1918) – embora estas pandemias tenham ceifado muitos milhões de vidas

HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

O inimigo invisível não se limitou a matar centenas de milhares de pessoas, mas espalhou também medo e pânico nas economias e nos mercados financeiros, arrastando países para muito perto da miséria, lançando milhões de pessoas no desemprego e outras tantas na pobreza, com as filas a aumentarem à porta da ‘caridade’, de mão estendida, em busca de um pedaço de pão para matar a fome.

Um cenário não muito diferente, na natureza das suas consequências, do que se seguiu à peste antonina (na Roma antiga), à peste negra (1347) ou à gripe espanhola (1918) – embora estas pandemias tenham ceifado muitos milhões de vidas à escala europeia.

Salvaguardadas as devidas distâncias, em meados de março deste ano já nada nos livrava do horror global amplificado pela torrente de

notícias que veio da China para o Norte de Itália, depois para Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Rússia, alastrando por toda a Europa e logo em seguida para o outro lado do Atlântico.

Na verdade, nós próprios, que agora assistimos a esta espécie de filme na primeira fila de uma estranha plateia, ainda estamos meio incrédulos com tudo o que nos está a passar pela frente.

O medo é, agora, o novo padrão; a moeda de troca; a medida de todas as coisas. Pela hora do almoço tornou-se estupidamente banal a dor e o sofrimento dos enterros em valas comuns, lado a lado com os corredores dos hospitais cheios de enfermos estacionados à espera do fim. Entretanto, no rodapé do ecrã começa a correr mais uma *overdose* de números macabros sobre a quantidade de mortos do dia. Tudo isto é triste, assustador, aberrantemente (a)normal. Apetece fugir, procurar outro sítio, mudar de ares, respirar a plenos pulmões sem uma máscara entre nós e o resto do mundo. E solta-se uma nova urgência, uma necessidade de busca de espaço, livre de restrições e longe dos focos de contágio mais suscetíveis: as cidades — a construção mais fascinante da história da Humanidade, mas também o local onde a concentração de pessoas por quilómetro quadrado mais potencia e multiplica exponencialmente o risco de transmissão do coronavírus.

E foram muitos os que saíram das cidades em busca de distância e isolamento social, mesmo que isso também significasse solidão [e é sabido que “a solidão queima”, nas palavras do cardeal Tolentino Mendonça. E também martiriza e... mata]. Ainda assim, saíram aos milhões, logo a seguir ao dia 11 de março, assim que a Organização Mundial de Saúde anunciou ao mundo que a disseminação do coronavírus tinha assumido contornos de pandemia. Ou seja, estava praticamente em todo o lado.

Um dia depois, Elizabeth II, rainha de Inglaterra, abandonou o Palácio de Buckingham, no centro de Londres. Com o epicentro da pandemia do coronavírus a deslocar-se da China para a Europa, a rainha, de 93 anos, optou por sair da residência oficial da família real britânica para se refugiar no Castelo de Windsor, no Sudoeste da Inglaterra. Caso a situação piorasse havia mesmo um plano de evacuação da rainha e do

marido, príncipe Philip, de 98 anos, para a casa de campo da família, em Sandringham, reforçando assim o isolamento social.

Mas não foi apenas a realeza britânica a fugir ao medo da morte. Alguns dias antes, milhares de italianos anônimos debandaram do Norte urbano e industrializado rumo ao Sul menos fustigado pelo vírus e muito menos povoado. Sem o saberem ou sem terem pensado sequer no assunto, na bagagem levavam consigo o vírus, que depois espalharam pelos sítios onde terminaram a sua viagem.

Apetece fugir, procurar outro sítio, mudar de ares, respirar a plenos pulmões sem uma máscara entre nós e o resto do mundo

O cenário repetiu-se em Espanha, mas aqui já com a polícia a mandar de volta para casa muitos dos que tentavam sair das principais cidades. Em França, assim que o Presidente Emmanuel Macron disse que o país estava em guerra e que o melhor era ficar em casa, milhares de parisienses fizeram exatamente o contrário, e deixaram, assim que puderam, a cidade rumo a zonas rurais de várias regiões francesas. Muitas das pessoas correram para os comboios, que ficaram rapidamente lotados, em viagens de longo curso, aumentando perigosamente o risco de propagação da doença.

Já nos últimos dias de março, a Índia urbana entrou em colapso, com quase 1300 milhões de pessoas a tentarem fugir para o campo, aglomerando-se de forma descontrolada junto aos terminais rodoviários e ferroviários do país. Ainda estão na nossa memória as imagens dos polícias de Mumbai ou Nova Deli à bastonada a quem se recusava cumprir a quarentena obrigatória então decretada pelo primeiro-ministro Narendra Modi.

O êxodo urbano estava em marcha acelerada, mas não iria ficar por ali. Dias depois a urgência da fuga haveria de chegar também a Portugal, com milhares de cidadãos a tentarem sair de Lisboa e do Porto rumo ao interior do país. Alguns anteciparam-se ao estado de

emergência, mas, muitos outros, esbarraram nas operações stop da GNR e tiveram de voltar para trás. Estava amplificado o sentimento de pânico, que já tinha sido agudizado com a corrida em massa aos supermercados, com o medo de ver a despensa ficar vazia de alimentos.

O instinto de sobrevivência no seu estado mais básico e febril estava todo ali, para quem quisesse ver. E quantos mais olhavam para as imagens que passavam em *loop* nos horários nobres das televisões mais ficavam com vontade de fugir dali à primeira oportunidade. O mais caricato de todo este absurdo coletivo gerado pelo medo de um ser invisível é que, se umas semanas atrás alguém nos dissesse que a polícia iria estar à saída das cidades a impedir milhares de portugueses de irem para o interior, provavelmente ninguém acreditaria. Isto depois de o país ter passado décadas a falar da urgência e da necessidade de inverter o pêndulo da demografia urbana, na esperança de que muitos dos cidadãos pudessem repovoar as aldeias e os campos.

Suzana Pasternak, arquiteta e urbanista da Universidade de São Paulo, diz que “a pandemia veio colocar ‘a zeros’ todas as nossas cidades: desde o ambiente urbano, ao espaço de trabalho, à mobilidade e ao espaço público, tudo ficou em cheque e, por acréscimo, o nosso modelo de vida”. Aquela especialista em cidades, que falava numa videoconferência organizada em maio pelo CiTUA — Centre for Innovation in Territory, Urbanism and Architecture, do Instituto Superior Técnico, ainda continua a acreditar, apesar de tudo, na ideia de “cidade compacta”, com massa crítica e com densidade.

No entanto, foi essa mesma densidade que colocou em cheque a segurança e a qualidade de vida nas cidades, sobretudo nas grandes metrópoles. Só assim se entende que muitos milhares de habitantes de Manhattan estejam ainda a abandonar os seus apartamentos luxuosos nas principais avenidas da cidade para se refugiarem em zonas mais periféricas como Westchester ou Nova Jérсия, onde a pressão sobre o imobiliário local já está a fazer disparar a procura.

De acordo com a base de dados da Urban Digs, em poucos dias (meados de maio) após a calamidade se ter abatido sobre Nova Iorque, o condado de Westchester registou um aumento de 22% na procura de

residências unifamiliares, em comparação com o mesmo período do ano passado, tal como Nova Jérсия. Mas o disparo na procura foi ainda mais significativo em Greenwich, Connecticut, da ordem dos 65%. Em simultâneo, a procura de casas em Manhattan caiu 56%.

Num artigo publicado no “Wall Street Journal”, a 27 de maio, podia ler-se que, por aqueles dias, estava em marcha um êxodo em massa dos nova-iorquinos também em direção à luxuosa zona de moradias nos Hamptons, geralmente conhecida como refúgio de ricos para as férias de verão. Só que, desta vez, não iam para férias, mas sim para ficarem longe do perigo e da insegurança sanitária que alastrava pelas ruas de Manhattan.

Muitos não só ocuparam as suas casas nos Hamptons como outros ainda se instalaram nas residências de amigos, com famílias inteiras em telescola e em teletrabalho. Aqueles que ainda ali não tinham uma segunda habitação apressaram-se a comprar praticamente sem discutir preços — quase sempre a contar a partir de um milhão de dólares. A vista de mar era importante, mas a segurança e o isolamento social ainda eram mais.

A pandemia foi particularmente devastadora para as maiores cidades norte-americanas, pois o vírus encontrou nelas terreno fértil para fazer estragos. Além de Nova Iorque, também houve debandadas em Chicago, em Los Angeles e em São Francisco, entre outras densamente habitadas. Houve mesmo americanos que tentaram sair do país, apesar do encerramento oficial de fronteiras e da quase total ausência de voos intercontinentais.

Assim que puderam, muitos milionários acabaram por se socorrer dos seus jatos privados em busca dos lugares mais remotos, tão longe quanto possível da perigosidade urbana. Alguns aterraram em Portugal para irem às compras ao mercado imobiliário de luxo da Quinta do Lago, de Cascais ou mesmo na zona do Porto e também no Douro. Compraram sobretudo casas cujos preços andam acima dos 10 milhões de euros, sendo que algumas das propriedades que foram vendidas nos últimos dois meses rondaram os 30 milhões de euros.

Estamos a falar sobretudo de estrelas de rock e vedetas do mundo do espetáculo, futebolistas famosos das principais ligas europeias e

muitos milionários anónimos vindos de Hong Kong, Londres ou Nova Iorque, além de xeques e emires donos de grandes fortunas feitas de petrodólares com origem no Médio Oriente.



Fuga Várias mediadoras imobiliárias de Lisboa relatam sucessivos casos de clientes que se estão a desfazer dos apartamentos que têm na capital para comprarem moradias nas zonas periféricas da cidade

NUNO BOTELHO

Do dia para a noite as cidades deixaram de ser lugares de sonhos, paixões, fascínios e ambições para se tornarem em símbolos de horror e tragédia e, tal como na peste negra, os ricos puderam fugir mais facilmente para o campo em busca de uma segurança impossível de garantir entre os blocos de betão da cidade moderna e civilizada.

Numa outra escala completamente diferente, José Costa, reformado há pouco mais de um ano, conta que, em poucos dias, a quase totalidade dos 24 apartamentos do prédio onde habitualmente reside no centro de Lisboa, num dos sítios mais exclusivos da cidade, ficaram vazios. Também ele se deslocou primeiro para Nafarros (Sintra) — onde tem uma segunda habitação — e depois para Malcata, no concelho do Sabugal, para junto das origens familiares, onde ainda não há registo de nenhum caso de infeção por covid-19.

Conta que “em Nafarros, onde há pouco tempo ainda se viam algumas moradias à venda, agora nem sinal. Está tudo tomado, quando muito pode encontrar-se um ou outro terreno, mas o que as pessoas querem agora é mesmo uma casa, para habitar de imediato”.

São várias, aliás, as mediadoras imobiliárias de Lisboa que relatam sucessivos casos de clientes que se estão a desfazer dos apartamentos que têm na capital para comprarem moradias sobretudo nas zonas periféricas da cidade, mas de preferência com grandes quintais ou áreas verdes à volta. Em simultâneo há também um movimento em direção a vários locais do interior do país, mas já lá vamos.

“Nota-se claramente que há uma necessidade de procura de sítios mais isolados, mais perto da natureza e, por isso, mais seguros sobretudo para casais idosos ou para jovens famílias”, conta um dos operadores do mercado que pediu anonimato.

“Não sei se estamos perante um fenómeno meramente conjuntural ou se se trata mesmo de uma mudança de residência. Faltam-me dados para poder fazer uma análise mais precisa”, sublinha Maria João Valente Rosa, demógrafa e professora universitária na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Agora, acrescenta a professora, “falta ver se isto vai deixar raízes para o futuro ou se é algo passageiro. Acredito que a partir de setembro/outubro, quando se iniciar o ano letivo, talvez as pessoas comecem a repensar como vão viver daí para a frente”. Isto porque a questão da escola para os filhos é muito importante, senão mesmo determinante.

Maria João Valente Rosa nota que as escolas “prendem as famílias aos locais”. Razão pela qual vai ser absolutamente necessário “planear”. “Temos de saber o que pretendemos do território. Toda esta situação ainda está a borbulhar, mas temos de começar a pensar já no novo urbanismo, na nova rede de transportes, no futuro da arquitetura dos lugares e também no planeamento social e empresarial.”

A demógrafa da Universidade Nova concede que ainda estamos todos num processo de aprendizagem e em “estado febril”, mas, se calhar,

devíamos aproveitar para repensar o país, pois podemos estar à beira de uma mudança de paradigma da vida em sociedade.

No deve e haver entre os que ficam e os que saem, provavelmente iremos ter uma cidade menos dependente de deslocamentos pendulares e com mais vida de bairro mesmo nos confins da área metropolitana, mas talvez ainda mais na cidade central.

A estimativa é feita por Jorge Gonçalves, geógrafo e professor do Instituto Superior Técnico. “Por outras palavras, talvez os espaços periféricos metropolitanos fiquem um pouco menos inóspitos, enquanto os espaços mais centrais beneficiarão de uma ocupação cada vez mais intensa do espaço público por via das atividades que ali se exercem (esplanadas, mercados de rua, espaços verdes), assim como de uma mobilidade ativa que seduz cada vez mais pessoas”, acrescenta o geógrafo.

E, atenção, porque Jorge Gonçalves considera que agora não houve fuga para a periferia urbana mas sim de alguns segmentos da classe média, média-alta para casas de família ou segundas habitações localizadas em várias partes do país — e nem sempre bem recebidos, com os naturais do interior isolado com medo de serem contagiados por quem vem de fora.

A verdade é que a pandemia da covid-19 é implacável e não ameaça apenas os cidadãos. Os residentes no interior também não estão imunes ao vírus, mas estão vacinados contra o modo de vida caótico das grandes cidades que, num momento de fragilidade como o que agora vivemos, fica incomparavelmente mais exposto ao risco e à incerteza.

E uma grande parte das pessoas quer mesmo sair da cidade. E não são só aqueles que têm raízes no interior ou ali herdaram uma casa de algum familiar mais direto, onde vão pelo Natal.

Pelas piores razões, infelizmente, a curto e médio prazo vamos assistir ao repovoamento gradual de muitas centenas de aldeias do interior. Aquele movimento demográfico no sentido litoral-interior pelo qual muitos se bateram durante anos, ou mesmo décadas, vai acontecer de um dia para o outro. E isso pode não ser bom.

Vai ser bom para a frágil base económica de vastas zonas semidesertas do território nacional, pois quem se instalar ali vai ter de consumir bens e serviços e, com isso, injetar fluxos de capital na economia.

Mas vai ser muito perigoso para a igualmente frágil estrutura de serviços sociais e de saúde pública que está disponível no interior. É que os hospitais, os centros de saúde, os serviços de apoio aos mais velhos, os locais de atendimento público em geral e mesmo as infraestruturas viárias e de telecomunicações estão dimensionados para a população que lá está. Não vai conseguir responder em segurança às solicitações que serão induzidas pelos que vão começar a chegar.

A vida na cidade vai sofrer uma mudança radical. Aliás, a vida de todos nós vai dar uma reviravolta nunca vista

E uma coisa é certa: os primeiros a deslocarem-se para o interior vão ser sobretudo idosos. Serão pessoas reformadas que viviam (ou ainda vivem) como sardinha em lata em pequenos apartamentos dos subúrbios das grandes cidades do litoral. Serão pessoas à beira da reforma e que, perante este susto de morte, ou foram confrontados com uma situação de *lay-off* forçado, ou elas próprias decidiram antecipar a aposentação e fugir rapidamente do tumulto da cidade. Sim. A vida na cidade vai sofrer uma mudança radical, como os geógrafos e demógrafos confirmam. Aliás, a vida de todos nós vai dar uma reviravolta nunca vista e a economia, que agora trava às quatro rodas, vai ficar de rastos durante largos meses ou mesmo anos.

O desemprego vai continuar a grassar e a fome e a miséria vão atingir níveis para os quais ninguém estava preparado. E esse será um cenário ainda mais evidente em zonas urbanas fortemente densificadas onde os mais desprotegidos serão obviamente os que mais irão sofrer.

Como já se está a constatar, ninguém, no seu perfeito juízo, irá conseguir andar totalmente à vontade, agora e nos tempos que se

seguem, dentro de um autocarro, num comboio ou num avião totalmente lotados. Até pode fazê-lo, mas sempre com o credo na boca e o coração nas mãos. Quando muito deslocar-se-á de carro e, sendo otimista, levará consigo a família. Quase nunca um amigo e muito menos um pendura ocasional.

As salas de cinema, de teatro e de todos os tipos de espetáculos, que já estiveram às moscas por muitas semanas, vão continuar a experimentar plateias estranhas durante meses, com muitos lugares vazios a separar espetadores de caras tapadas. Os aglomerados de pessoas, nos centros históricos das cidades ou centros comerciais, são para esquecer.

Assim sendo, onde é que as pessoas podem encontrar um refúgio mais seguro? Naturalmente, nos sítios onde há menos concentração de gente por metro quadrado. O que, em matemática simples, é igual a: campo e, por maioria de razão, toda a faixa interior do país.

E vai haver três vagas no sentido cidade/interior. A primeira já está a acontecer. Foi a fuga básica ao medo, sobretudo por parte dos mais frágeis e idosos, em especial os reformados.

A segunda, embora sazonal, vai intensificar-se durante o verão, com milhares de portugueses a evitarem as praias, em busca de isolamento e distanciamento social, apenas disponível nas aldeias semidesertas.

A terceira vaga está relacionada com dois fatores: a nova investida dos nómadas digitais que procuram sobretudo uma boa cobertura de rede, lugares distantes da confusão, com qualidade de vida, escolas para os filhos e em contacto permanente com a natureza e, por outro lado, uma tendência emergente de cidadãos que começam a descobrir que o interior, afinal, pode ser uma nova centralidade — no caso português, a meio caminho entre Lisboa e Madrid. Começam por comprar e restaurar casas de campo para os fins de semana e, mais tarde, por afinidade quase natural, acabarão por ir equacionando uma mudança de forma de vida. Muitos já fizeram isso e tudo indica que o movimento irá continuar a intensificar-se.

A demógrafa Maria João Valente Rosa aconselha os gestores do território a apostarem acima de tudo nas suas singularidades e naquilo

que tiverem de mais original. “Têm de tornar as suas características ainda mais apelativas e não se podem esquecer de que mais do que ‘passado’, as pessoas que para ali se deslocam vão em busca de ‘futuro’. Os gestores das autarquias não devem querer copiar o que todos os outros já fizeram. Devem focar-se também na qualidade dos serviços de saúde, no sinal da internet e, acima de tudo, não podem querer fixar as pessoas. Tem de haver mobilidade.”

Ou seja, as pessoas podem e devem ter a ambição de um dia quererem voltar à cidade, em busca do anonimato que não encontram na aldeia. E, isso, também é liberdade. O desejo de permanecer anónimo é, há muito tempo, uma característica da vida metropolitana. O que se passa é que a pandemia exigiu (e está a exigir) muito isolamento, o que pode estar a desencadear um desejo renovado de convivência e conexão com os outros. Um desejo reforçado de proximidade.

E, no entanto, o ambiente urbano e o chão da cidade estão em mudança acelerada. Vai haver menos carros, menos poluição, menos pessoas nos escritórios, mais gente em teletrabalho, menos turistas nas ruas e nos centros históricos, mais bicicletas nas ciclovias e menos frequência nos transportes públicos que, no caso de Lisboa, passam muito do seu tempo com uma taxa de ocupação de 10%.

Mas, para o geógrafo Jorge Gonçalves, não há sombra de dúvida: “Continuo a acreditar que a nossa paixão pelas cidades, que nos continua a levar, sempre que chegamos a uma cidade nova, a procurar a placa que indica Centro Histórico ou, pelo menos, Centro, não nos irá abandonar. Talvez até essa paixão pelas cidades acabe por sair reforçada daqui a uns dias quando se concretizar o nosso ansiado reencontro com elas.”